

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo***Ética da Moeda**

NO estranho regime em que vivíamos até há algum tempo, houve quem confundisse qualquer preocupação ética com um sintoma de fascismo, com uma "caça às bruxas". Afinal, não tinha ficado tão fácil ganhar dinheiro sem fazer força? E se alguns conseguiam (muitos até), por que não conseguiriam os outros?

Assim chegou ao auge, alimentada pela inflação, uma visão de mundo que tem alguma sedução para os brasileiros: a de que "o mundo é dos espertos"; de que um pouco (ou muito) de esperteza não faz mal a ninguém. Nessa atmosfera viciada, afundou como num pântano a verdade da moeda, a solidez do fato econômico. Caminhávamos céleres para a hiperinflação.

É preciso que o país compreenda a oportunidade única que neste momento lhe é oferecida para repor a economia em bases normais. Depois de um longa orgia monetária e psicológica, não é sem dificuldade ou sacrifícios que isto poderá ser feito. Estão certíssimos os que dizem que o Governo colocou o país e a sociedade numa situação difícil. É difícil porque não se passa da infecção aguda para a normalidade sem algum sofrimento. Mas não é sequer um sofrimento prolongado o que nos propõem: se houver seriedade de todos, daqui a um ano, não mais que isso, poderemos estar vivendo num outro país, bem melhor que o de agora e infinitamente melhor que o de ontem.

O Brasil mergulhara numa situação totalmente artificial. Cada um de nós ia se acostumando dia a dia, em doses sempre maiores, à loucura da moeda. Enganamos que não percebíamos; era como se tivéssemos entrado na regra de um grande jogo: o jogo da especulação, que todos estavam obrigados a dominar, quisessem ou não quisessem, para não ficar para trás. Como o jogo já vinha sendo jogado há mais tempo, pelos que tinham entendido primeiro as suas regras, não é de estranhar a sucessão de escândalos em que faleceu a República Velha. A corrupção estava por todo lado, palpável com as mãos — e mais ainda com o nariz.

A batalha em que estamos agora empenhados não é invenção de fulano ou de beltrano; nem é uma imposição do FMI. Chega a ser surpreendente que uma pessoa viva como o Governador do Rio de Janeiro não perceba que o país está lutando pela sua própria sobrevivência e que nessa circunstância ninguém tem tempo ou vontade de agradar aos outros. Se o plano do Presidente Sarney passou a contar com a virtual unanimidade nacional, não é porque o Presidente seja um novo Maquiavel: é porque cada cidadão, por mais modesto que seja a sua vida, percebeu que está lutando por si mesmo, ao ajudar a liquidar o pesadelo inflacionário.

Para que a batalha tenha sucesso, é preciso que haja confiança e coragem — pois sem confiança não

se arrosta um inimigo temível. Mas uma certeza o brasileiro já tem: a de que o projeto que lhe ofereçamos é melhor que o desvario existente até algumas semanas atrás.

Estávamos pagando, cada um de nós, pela loucura da moeda. A economia tinha passado a viver com o subsídio indireto (ou direto) fornecido por cada cidadão. Não se dava mais nota fiscal. Pagávamos por tudo. De que adiantaria reajuste trimestral (ou mensal) se aumentar os preços era exercício praticado diariamente? Administrar e comerciar transformara-se, exclusivamente, na arte de aumentar os preços. Havia até um método muito fácil, automático, de fazer isto: era atrelar tudo à ORTN, que se tornava, assim, a nova moeda, modificada mensalmente.

Isto é, a morte do cruzeiro já tinha sido decretada; mas o seu cadáver insepulto atravancava todas as relações comerciais e humanas. O fato era de uma gravidade que já tínhamos deixado de reconhecer.

Há algo de "místico" envolvido na moeda: ela cristaliza de alguma forma o "valor" social; de tal forma que desmoralizar a moeda é desmoralizar a sociedade. No mundo antigo (como, aliás, no mundo moderno), a efígie dos imperadores estava nas moedas; e os monarcas, naquela época muito anterior à Revolução Francesa, beneficiavam-se de um caráter quase sagrado: governava-se "por direito divino"; e a associação do monarca à moeda mostra a relação que se estabelecia entre a importância de ambos.

Tal era a "mística" da moeda, que na França medieval ela sequer ficava ao alcance da coroa: a Ordem dos Templários cuidava dela, em suas fortalezas inexpugnáveis; e há quem afirme que o processo iníquo de Filipe, o Belo, contra os Templários, que resultou na destruição dessa ordem de monges-cavaleiros, tinha como motivo secreto o desejo do imperador (afinal realizado) de controlar ele mesmo a emissão da moeda. (Algo dessa função "protetora" dos Templários reaparece, nos Estados Unidos, sob as roupagens do Federal Reserve System de Paul Volcker.)

Face a esses exemplos históricos, o mínimo que se pode dizer do nosso cruzeiro é que ele estava totalmente prostituído. Transformara-se numa caricatura cruel de si mesmo, a ponto de já haver quem não apanhasse mais uma moeda caída no chão — tal o seu desvalor.

O que se tenta agora recuperar não é só um mecanismo de controle das emissões e do valor "corrente" da moeda. É mais que isso: é a própria idéia da seriedade do jogo social, atingida no coração pela orgia especulativa. Se há um esforço que se pode chamar de patriótico, é certamente este. E não há demagogia que anule essa verdade. O país está diante de uma oportunidade que não se repetirá tão cedo, e que influenciará o seu destino pelas próximas décadas. O Presidente Sarney poderia repetir a famosa frase: "Quem for brasileiro que me siga."